

# NIETZSCHE E A LINGUÍSTICA: LINGUAGEM COMO *LOCUS* RETÓRICO PERSPECTIVISTA

Thiago Gomes da Silva<sup>1</sup>

Annie Tarsis Morais Figueiredo<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo procura expor as teses de juventude de Friedrich Nietzsche presentes na coletânea de textos póstumos *Da retórica*, onde defende a ideia de que a linguagem é uma atividade puramente metafórica e retórica, nascida da ânsia de persuasão, como comprovaria a literatura antiga. Busca-se estabelecer uma ponte entre as ideias presentes nestes textos de juventude com aquelas considerações do período de maturidade da obra nietzschiana; publicações amplamente marcadas pelo estilo aforismático, e que exigiram um trabalho de varredura das passagens que visam a reflexão do instinto de conhecimento e a condição linguística; para isto contribuíram as obras *A Gaia Ciência*, *Assim Falou Zarathustra*, *Para Além do Bem e do Mal* e *A vontade de poder*. Procurando assim validar as teses de juventude sob a ótica do pensamento de maturidade de Nietzsche, poder-se-á concluir que atividades psíquicas como interpretação e representação, em suma, o instinto de conhecimento, não nutririam teor algum de imparcialidade, mas seriam edificações naturalmente retóricas e perspectivistas norteadas por pulsões da vida que tentam a todo custo se potencializar, expandir, convencer e dominar. Nietzsche só chegou a tal conclusão quando obteve maior clareza em relação ao que é a vida, compreendendo assim que entre o homem e o cosmos existiria apenas uma relação proporcional mediada pela interpretação; no caso, o ser que interpreta é por si um *quantum* que valora ao traçar diretrizes com vistas à dominação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem; Retórica; Perspectivismo

**ABSTRACT:** This article presents the theories of Friedrich Nietzsche inserted in posthumous collection of texts *From rhetoric*, which supports the idea that language is an activity purely metaphorical and rhetorical born of the eagerness to persuasion, as prove the ancient literature. Search up establish a bridge between the ideas presented in these texts youth with those considerations the maturity period of the nietzschean work; publications widely marked by aphoristic style, requiring a job select the passages that aim to reflect the condition linguistic and the knowledge instinct; for this, contributed the publications such as *The gay science*, *Thus spoke Zarathustra*, *Beyond good and evil* and *The will to power*. Seeking to validate the thesis of youth from the perspective of the thought of Nietzsche maturity, it may be concluded that psychic activities as interpretation and representation, in short, the instinct of knowledge, not nurture any content of impartiality, but would be buildings naturally rhetorical and perspectival guided by instincts of life trying at all costs become more powerful, expand, persuade and dominate. Nietzsche only reached this conclusion when he got clarity about what is life, so understand between man and the cosmos exist only a proportional relationship mediated by the interpretation, in the case, the entity that interpretations is itself a quantum that assigns value to set guidelines aiming at domination.

**KEYWORDS:** Language; Rhetoric; Perspectivism

---

<sup>1</sup> Graduado pela Universidade Estadual da Paraíba em Filosofia, graduando em história pela Universidade Federal de Campina Grande, e Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. Email: thiagosilva.uepb@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: annietarsis@gmail.com

## Introdução

O presente artigo parte do estudo preliminar da coletânea de textos intitulada *Da retórica* do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900). Esta compilação apresenta uma série de reflexões a respeito da linguagem que será tida, aqui, como atividade naturalmente retórica e perspectivista; são escritos que parecem conservar elementos embrionários das teses de maturidade de Nietzsche, especialmente no diz respeito às noções de *verdade* e *perspectivismo cosmológico*. Atribui-se à origem das anotações que compõem a coletânea a práxis docente do autor quando nomeado professor catedrático da universidade de *Padagogium* na Basileia em 1869, onde ficou responsável pelas cadeiras de língua, literatura e filologia gregas.

É interessante observar que o jovem professor Nietzsche dispensava a metodologia tradicionalista da época, cativando seus alunos com uma atividade inovadora e espontânea; como comprovam as pesquisas de Rosa Maria Dias<sup>3</sup>. Desta forma sua análise se desenvolve com uma observação atenta da literatura clássica e do mundo greco-romano na busca daquilo que seria a origem da linguagem. Com isto ele chegará à tese de que a linguagem é uma atividade naturalmente persuasiva, e, portanto configura-se como retórica aplicada; deduz-se a partir daí que tudo na área da linguagem pode ser considerado fruto desta atividade persuasiva própria à sua condição.

Essa tese parece atravessar as obras de maturidade Nietzsche sob o signo do conhecimento como fruto da atividade interpretativa, o que implicará na concepção decorrente que concluirá que o instinto de conhecimento é a própria atividade valorativa da vida; o que para Nietzsche significará dizer vontade de poder. Suas obras de maturidade, marcadas pelo estilo aforismático, discorrem sobre uma variedade de temas que impossibilitam um recorte preciso, e exigem um trabalho de varredura das considerações sobre determinados temas; o que é o caso das considerações em relação ao instinto de conhecimento e da vida enquanto vontade de poder. Desta forma foram utilizadas especialmente as obras *A gaia ciência* (1882-1885), *Assim falou Zaratustra* (1885), *Para além do bem e do mal* (1886) e *A vontade de poder*<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Os resultados desta pesquisa podem ser encontrados especialmente na coletânea de artigos *Nietzsche: filosofia e educação* sob o título de O professor Nietzsche.

<sup>4</sup> Desde 1885, Nietzsche pretendia escrever um livro intitulado *Vontade de Poder* (*Der Wille zur Macht*), um título dentre muitos outros que não viriam a ser concluídos. Em 1900, Elizabeth Forster-Nietzsche empreendeu a

Sendo assim Nietzsche iniciará suas reflexões a partir da contraposição entre mundo moderno e mundo antigo, uma das mais refletidas e repetidas alegorias apresentadas por sua obra. Dentre as várias comparações de cunho avaliativo, pautando-se quase sempre no método genealógico – mesmo que este ainda não estivesse devidamente formalizado no começo de sua carreira – encontram-se aquelas referentes aos estilos linguístico-literários e retóricos apresentadas na coletânea de textos juvenis *Da retórica*. Através deste gênero de análise a compilação é iniciada e ganha forma, e tendo sido produzida quase que exclusivamente na práxis docente de Nietzsche, parece resguardar o princípio de seu posicionamento em relação às ideias de *verdade e perspectivismo cosmológico*. Pode-se conferir na coletânea declaração alusiva à postura do autor neste período da sua vida:

[...] quando procuramos compreender esses homens superiores [da Antiguidade], bem como os seus pensamentos, só como sintomas de correntes espirituais, de instintos que continuam a viver, tocamos directamente na natureza. O mesmo acontece quando avançamos até a origem da linguagem [...]. A Antiguidade não merece ser proposta como exemplo a todas as épocas pelo seu conteúdo – mas pela sua forma. Mas o talento para a forma é raro e só se encontra nos homens (Männer) maduros. (NIETZSCHE, 1995, p. 88 – 89)

Alguns lhe atribuirão o feito de um “retorical turn *em filosofia* para além da paternidade que já *Foucault* lhe atribuía do linguistic turn” (CUNHA *apud* KREMER-MARIETTI, 1995, p. 9) vigente na pós-modernidade. Sabe-se que seu objetivo seria argumentar a favor da condição de naturalidade retórica inerente à linguagem, pois sendo ela obra da atividade perceptiva e, portanto, produto de um estado fisiológico individualizado, a linguagem resguardaria na sua essência a subjetividade de uma percepção que diz respeito necessariamente à constituição de uma forma de vida. Esta tese parece fazer presença nas obras de maturidade de Nietzsche sob o signo do conhecimento enquanto fruto da atividade interpretativa, o que significaria dizer que o conhecimento é produto da pluralidade de perspectivas da vida; o jogo de forças próprio à constituição em vir a ser.

Tais considerações levarão à interpretações de seu pensamento como o fundador de um perspectivismo autodestrutivo. Mas o que suas reflexões induzem é que a filosofia, tendo

---

edição de uma obra que compreendia os fragmentos póstumos atribuídos ao período de 1887 e 1889, esta edição foi publicada em 1991 e continha 483 fragmentos póstumos. Mas em 1911 Ernest e August Horneffer publicam uma segunda edição que abarca 1067 fragmentos. Atualmente, graças ao trabalho de Giorgio Colli e Mazzino Montinari, foi possível o reordenamento e a publicação dos fragmentos póstumos de acordo com a cronologia original.

se livrado do âmbito do dogmatismo metafísico da religião, não poderia agora se lançar em um abismo de esclarecimento desmedido; como que “substituindo a presunçosa afirmação da identidade entre o Ser e o pensamento, pela negação, não menos excessiva, de qualquer participação do pensamento no Ser” (GRANIER, 2011, p. 60). Nos diversos textos que compõem a grande obra nietzschiana, como também na coletânea de textos póstumos *A vontade de poder*, pode-se perceber que seu raciocínio transcende qualquer chance de autodestruição formal, como também estabelece um remanejamento de diversas formulações no intuito de salvaguardar a filosofia de um ceticismo desmedido.

Com estes fins a estrutura da pesquisa abrange três seções: a primeira apresenta a coletânea de textos juvenis *Da retórica* e a metodologia do autor na teorização de seu conteúdo, levantando também a questão acerca do valor da linguagem sob o olhar de sua condição retórica; a segunda introduz de maneira objetiva os aspectos gerais das considerações de maturidade da obra nietzschiana, especialmente aquelas que dizem respeito aos temas *linguagem e instinto de conhecimento*; a última seção estabelece uma ponte entre as teses de juventude a partir de considerações de maturidade da filosofia nietzschiana, com o objetivo de responder como a admissão da condição retórica da linguagem ainda vigoraria sob os termos de maturidade da filosofia nietzschiana.

### **1. Locus retórico perspectivista**

Nos seus escritos o jovem professor Nietzsche admite que é totalmente natural a associação do termo retórico a “um autor, um livro, um estilo, quando notamos neles uma aplicação constante de artifícios (*kunstmittel*) do discurso – e isso sempre com uma *nuance* pejorativa” (NIETZSCHE, 1995a, p. 43). Os artifícios do discurso com vistas à adesão de um dado auditório parecem, porém apenas parecem destituir o texto de qualquer teor naturalidade, como se tal intencionalidade o profanasse com o peso de uma hipotética ideologia não mencionada que poderia subsistir por detrás dos caracteres. Nietzsche alertava que o atributo natural deve ser problematizado antes de qualquer associação ingênua ao discurso, já que a língua nasce e se desenvolve junto à busca pela adesão do ouvinte, ao emocioná-lo e cativá-lo, ou seja, persuadi-lo.

O emprego pragmático da língua – o que significa dizer científicista – levou o homem moderno a julgar que a produção literária antiga era vazia e artificial por manter um teor retórico muito expressivo na estrutura da narrativa. Nietzsche admite que a formação clássica do homem antigo privilegiara a educação com foco na atividade retórica, o que seria uma eloquência cultivada “com um labor e uma constância sem equivalente em nenhum outro domínio” (NIETZSCHE, 1995a, p. 79). Na Grécia antiga, a devoção pela formação retórica foi tamanha que persistiu durante séculos, e mesmo com a decadência de suas estruturas políticas esse gênero de formação acabou se propagando por boa parte do mundo helenístico, como comprovam os romanos. A arte discursiva, considerada por ele como a maior qualidade dos antigos, teria sido a grande responsável por colocar os gregos acima de qualquer outro povo, delimitando as fronteiras entre cultos e incultos, aristocratas e plebe.

Nietzsche compreendeu que a formação retórica antiga surgiu em meio a civilizações banhadas por imagens míticas antiguíssimas. Essas narrativas, derivadas do cântico que era o discurso oral antigo – dos *aedos* – formaram-se a partir das leis do discurso, o que sugere que a narrativa mítica teve sua origem na fala que procurara persuadir e ganhar a adesão do ouvinte. Os gregos, ao contrário dos modernos, não necessitaram da mediação constante do livro, e por isso a “literatura da antiguidade soa-nos como «retórica»: quer dizer, que se dirige antes do mais ao ouvido para seduzir” (NIETZSCHE, 1995a, p. 44). A retórica era tida como uma realidade em ato proferida inconscientemente junto ao discurso mítico consciente. Retórica poética e linguagem aperfeiçoaram-se mutuamente, processo que talvez tenham sido determinante no progressivo aprimoramento daqueles artifícios de adesão presentes na linguagem.

Através do discurso o homem no mundo antigo poderia se transformar em soberano de uma multidão, fato não tão distinto dos tempos modernos. Mas na antiguidade a retórica foi uma arte cultivada por séculos, e tratada como a maior de suas realizações: desde o cultivo de um leitor calmo e atento que sorvia cada uma das palavras até a constituição de um orador que se preocupava, além de tudo, com a concretização de um discurso genuíno. Se existia a prosa moderna, afirma Nietzsche, ela possuía vínculos diretos com os grandes oradores antigos, ao exemplo de Cícero. Ainda sobre a formação antiga pode-se ler:

A pretensão mais ilimitada de todo poder, como oradores ou como estilistas, atravessa toda a Antiguidade, de uma maneira para nós incompreensível. Controlam «a opinião sobre as coisas» e assim o efeito das coisas sobre os

homens, eis o que eles sabem. Claro que para isso é preciso que a própria humanidade tenha recebido uma educação retórica. No fundo, a educação superior «clássica» de hoje guarda ainda uma boa parte desta concepção antiga: excepto que não se propõe como fim o discurso oral, mas antes a sua imagem enfraquecida, o saber escrever. (NIETZSCHE, 1995a, p. 80)

As grandes civilizações da antiguidade acabaram por desaguar seus processos de formação na instauração de uma cultura, tida por Nietzsche, do mais alto grau intelectual, não por menos que tenham sido estas as precursoras da democracia. Destarte as estruturas políticas que emergiram no âmago do mundo antigo possibilitaram que seus cidadãos dessem vazão a uma carga de criações, muitas delas advindas do poder político fragmentado. Para o jovem professor Nietzsche, seria próprio do caráter republicano e democrático “ter de estar habituado a suportar as opiniões e os pontos de vista mais alheios e mesmo sentir um certo prazer na contradição” (NIETZSCHE, 1995a, p. 28) posta por um povo em constante interação com o aparelho estatal.

Dentre as mais célebres influências do mundo antigo para a edificação do ideário retórico, ele destaca a contribuição do filósofo Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.). Suas obras, especialmente a *Retórica* e *Tópicos*, são apresentadas por Nietzsche como sendo majoritariamente filosóficas e determinantes para todas as concepções de retórica posteriores, instaurando um princípio de identificação entre todas ao afirmar ser tal arte a “faculdade de descobrir especulativamente o que é que em cada caso pode ser próprio para persuadir” (NIETZSCHE, 1995a, p. 34). Nietzsche assegura que a influência de Aristóteles promoveu certa proximidade entre dialética e retórica, já que tanto uma quanto a outra trabalham em função daquilo que denomina por aparência ou sucesso de uma opinião, a dóxa<sup>5</sup>. A partir de Aristóteles a retórica será compreendida como uma arte própria da descoberta, da avaliação psicológica e emocional do auditório como garantia de uma investida bem sucedida do discurso.

Nietzsche compreende assim que a retórica surge junto à linguagem – especialmente a linguagem poética – e levanta a possibilidade de que ela seja a maior responsável pelo desenvolvimento progressivo da estrutura linguística; a linguagem já estaria assim fincada em solo retórico e nutriria uma carga persuasiva que lhe é natural. Ela detém uma estrutura simbólica própria, é composta por uma estética que faz referência a sua formação e, desta forma, pode ser considerada persuasão em ato. Sendo assim, a linguagem carrega consigo

---

<sup>5</sup> Opinião comum, crença.

significação, intencionalidade e um arcabouço de caracteres que surge em determinados contextos históricos, segundo pontos de vista muito característicos assumidos por determinados centros de significação. Contudo ainda não pode ser avaliada como uma estrutura cristalizada na história, pois ela é um fenômeno em constante vir a ser, que se transforma segundo os ditames da vida.

Este é provavelmente um dos primeiros posicionamentos de Nietzsche contra a ideia de uma improvável neutralidade linguística. A linguagem será compreendida por ele como o resultado da atividade retórica e, dessa maneira, compreendida a partir de sua condição de intencionalidade. Não deixando Aristóteles de lado, Nietzsche afirma que a força retórica “é a força de deslindar e de fazer valer, para cada coisa, o que é eficaz e impressiona, essa força é ao mesmo tempo a essência da linguagem” (NIETZSCHE, 1995a, p. 45). Desta forma a retórica não se preocupa com a verdade ou os fatos em si, mas apenas com o verossímil e impactante, pois almeja “transmitir a outrem (*auf Andere ubertran*) uma emoção e uma apreensão subjetivas” (NIETZSCHE, 1995a, p. 45). A linguagem enquanto retórica, ou seja, a linguagem como um fenômeno próprio à persuasão na transmissão das figuras da percepção, busca despertar excitações perceptivas. Portanto, ela transmite um produto de segundo plano já que não apreende o objeto propriamente dito, no entanto apenas cópias sensórias. Sobre isto lê-se:

O homem que forma a linguagem (*der sprachbildende Mensch*) não apreende coisas ou processos, mas excitações (*Reize*): não restitui sensações (*Empfindung*), mas somente cópias (*Abbildung*) das sensações. A sensação que é suscitada por uma excitação nervosa não apreende a própria coisa: essa sensação é figurada no exterior por uma imagem [...] como é que, nessas condições, se poderia produzir algo de mais adequado de que uma *imagem*? Não são as coisas que penetram na consciência, mas a maneira como nos relacionamos com elas, o *pithanón*. (NIETZSCHE, 1995a, p. 45)

Desde a sua juventude Nietzsche compreendeu que a linguagem é uma estruturação de caracteres e imagens metafóricas derivadas, fundamentalmente das excitações que é capaz de despertar. Mas a questão da possibilidade de se produzir algo melhor do que uma imagem, derivada da acusação acerca de um perspectivismo exacerbado inerente ao seu pensamento, e será respondida por Nietzsche com o amadurecimento de seu pensamento. Mas nesta fase concluirá que na relação com os objetos externos, a consciência humana só adquire cópias

subjetivas que resultam do tipo de relação mantida pelos órgãos sensoriais, ou mesmo pela consciência em questão, com os fenômenos captados pela percepção<sup>6</sup>.

Mas o fato é que todo pensamento plenamente consciente só foi possível graças à estruturação simbólica da linguagem; ela possibilitou assim a perpetuação de figuras de representação como também a organização e revisão de premissas reflexivas. Nietzsche lança a hipótese de que a linguagem possa ter uma origem instintiva, ou seja, reforça a tese acerca da naturalidade retórica implícita à representação que lhe foi dada. Não podendo ser o instinto fruto de uma atividade consciente e reflexiva, ou ainda uma engenharia implícita à máquina neural ou mesmo dom divino, só poderia ser ele “a operação mais própria do indivíduo ou de uma massa”, aquilo que está “unido ao mais íntimo de um ser” (NIETZSCHE, 1995a, p. 70) e o determina por fim. Então, seria possível conceber a existência da consciência antes mesmo da fundação da linguagem, como se a primeira pudesse ter gerado a segunda? Nietzsche nega tal possibilidade.

Qualquer gênero de consciência, desde a mítica à filosófica, só poderia ter vindo a existir como implicação última da fundação de uma estrutura linguística. A linguagem, e neste caso a linguagem enquanto atividade puramente retórica possibilitou ao homem se distinguir dos outros seres e construir um universo simbólico em volta de si. Só a partir de um esqueleto alegórico mínimo foi possível o trabalho reflexivo em torno deste; mas ainda assim, “verdade e conhecimento, sem dúvida, permanecem atrelados às condições que os propiciam” (MARTON, 2000, p. 226). Percebe-se que quanto mais a natureza da linguagem é estudada, mais se adquire certeza de que “ela supera pela sua profundidade qualquer outra produção consciente” (NIETZSCHE, 1995a, p. 95). A linguagem se configura como o primeiro arcabouço de todas as formas de produção verdadeiramente conscientes por parte da espécie humana.

A estruturação linguística também permitiu o reconhecimento do indivíduo enquanto “unidade consciente”, distinto do todo social, mas que ao mesmo tempo é parte deste todo pensante e comunicativo. Como um “ser originário mitológico” (NIETZSCHE, 1995a, p. 100) que detém infinitas cabeças que conversam consigo mesmas, mas que não deixam de compor um único *locus* de representação, entretanto não menos interpretativo. A linguagem

---

<sup>6</sup> Percebe-se grande proximidade entre o raciocínio traçado pelo jovem Nietzsche com a perspectiva apresentada por Aristóteles nos *livros II e III* da obra *De Anima*; uma análise da faculdade da percepção e o processo de aquisição do conhecimento empírico, o que talvez qualifique esta obra como pioneira na formação da corrente de pensamento empirista.



possibilitara esta primeira experiência humana da multiplicidade na unidade: multiplicidade de perspectivas e formas de pensar e representar, todavia ainda inseridas dentro de centros de condicionamento representativo e interpretativo. Isto porque, estando limitado por sua condição humana, ou seja, fisiológica, “o homem não pode pretender conhecer o mundo todo” (MARTON, 2000, p. 224), mas somente aquilo que lhe foi conferido por naturalidade e formação. A linguagem carrega consigo representação perspectivista, ou seja, ela é fruto de interpretação, e Nietzsche compreenderá desde cedo que perspectiva é valor.

## 2. Linguagem, perspectivismo e interpretação

A adesão de Nietzsche à tese que afirmava o *Devir* absoluto como fundamento de toda realidade do filósofo Afrikan Spir (1837 – 1890)<sup>7</sup> não foi por acaso, já que o perspectivismo nietzschiano está inserido na concepção de cosmos heraclítico tão marcada pelo eterno fluir e combater de forças. A interpretação é assim o conhecimento ágil, em perpétua transformação e atividade, devidamente adequada a este cosmos em constante vir a ser. Talvez Spir, como um lógico severo, tenha conferido credibilidade ainda maior à concepção de um mundo destituído de uma essência efetivamente conhecível e objetivável; sua tese afirmava que a “essência inferida do mundo, que fica encoberta pelo espaço lógico e linguagem, é o devir absoluto” (SAFRANSKI, 2005, p. 147).

Ainda assim, objetivando salvaguardar a filosofia de um ceticismo obscuro e infrutífero, Nietzsche veio a compreender que a atividade interpretativa deveria ser regulada por conceitos como *texto* e *caos*, ou mesmo representação e desordem. Considerações ao exemplo de caos e desordem aparecerão na filosofia nietzschiana como delimitadores de fronteiras da atividade interpretativa, sempre colocando o pensamento à parte do “caráter *indefinido* do movimento da interpretação e, portanto, de forma alguma como categoria explosiva que dinamitaria” (GRANIER, 2011, p. 60) as noções de texto ou representação.

A atividade interpretativa possui como subsídio um texto, ou seja, uma concepção de realidade estruturada segundo os caracteres linguísticos obtidos no vivenciar de um mundo dotado de consistência e realidade. Mas neste ambiente não “há nenhum fato, tudo é fluído,

---

<sup>7</sup> Não antes, claro, da adesão de Nietzsche à filosofia pré-platônica, mas precisamente à doutrina heraclítica e aquilo que subsistia por detrás de sua cosmovisão: elementos de percepção do mundo grego arcaico aos quais Nietzsche denominou por *trágico-dionisíacos*.

inconcebível, esquivo” (NIETZSCHE, 2008a, p. 313), ou seja, só há *Devir*. Se existissem fatos estáticos, no sentido de elementos munidos de realidade objetiva, estes ainda assim seriam puro *Devir*, e estariam portanto sujeitos à destituição do seu caráter de factualidade.

Esta concepção de cosmos herdada de Heráclito é retomada por Nietzsche na crítica à metafísica tradicional que se fez presente não só na religião e na filosofia platônica, porém em toda ciência que se mova na busca por uma verdade divinizada. Mas Nietzsche pensou ter ido além das considerações de Spir ao compreender que o cosmos heraclítico do eterno fluir e combater de forças não finaliza qualquer chance de conhecimento, no entanto surge como um novo e infinito espaço de possibilidades para além de tudo aquilo que já havia sido pensado; mas isto, na medida em que se tem em vista a interpretação como o conhecimento mais adequado a se lidar com o vir a ser cósmico. Ainda no aforismo 374 da *A Gaia Ciência* dirá:

O nosso novo “*infinito*” - Até onde vai o caráter perspectivo da existência, ou então, tem ela mesmo outro caráter? Uma existência sem interpretação, sem “razão”, não se torna precisamente um absurdo? Uma vez que, por outro lado, toda existência não é fundamentalmente interpretativa [...] O mundo, para nós, voltou a tornar-se infinito, no sentido em que não lhe podemos recusar a possibilidade de se prestar a infinidade de interpretações. Voltamos a ser dominados por grande calafrio. (NIETZSCHE, 2007, p. 222)

O novo infinito que Nietzsche se refere é a expansão do perspectivismo possibilitada pela queda dos supremos ideais metafísicos, a hipótese do *pessimismo europeu* (NIETZSCHE, 2008a, p.40), um fenômeno que estaria no começo de sua trilha no século XIX. Esse pessimismo não seria o problema da modernidade propriamente dito, mas um sintoma estrutural do esclarecimento moderno ao se deparar com um mundo agora destituído de qualquer tipo de essência primeira antes sustentada pela religião como também pela filosofia herdada de Platão. O novo infinito de possibilidades deriva, primeiramente, da queda de qualquer sentido e representação pré-estabelecida, e posteriormente com a insurgência da infinidade de possibilidades de interpretações e representações resultantes do perspectivismo.

Além do entrave exercido pela própria condição natural dos órgãos sensoriais que limitam a atividade perceptiva e cognitiva humana, pois suas delimitações fisiológicas só possibilitam a apreensão daquilo que o cerca, o homem “é incapaz de libertar-se dos erros e distorções inerentes à sua” (MARTON, 2000, p. 220) constituição, a soma das várias perspectivas em questão ainda não confere garantia para a aquisição de uma verdade. Nietzsche compreendeu que a atividade da interpretação tem em vista sempre um texto fora

da capacidade de apreensão absoluta, ou seja, um mundo em constante metamorfose dotado de infinitas formas em um movimento de vir a ser incondicional, sendo assim, um mundo munido pela possibilidade. Assumir pontos de vista variados que estejam em mínima sintonia com a própria condição de possibilidade do vir a ser da vida, talvez constitua a atividade da interpretação segundo o perspectivismo.

Mas este *texto mundo* apresentado pela cosmovisão nietzschiana não existiria por si, ou pelo menos não subsistiria representativamente como uma ideia perfeita a vagar no espaço. O texto mundo só ganha forma diante da “interpretação que tem nele justamente seu correlato fenômeno, isto é, um correlato que é manifestação do ser. Entre intérprete e texto, só existe “uma relação proporcional; não se opõem, mas se acham em harmonia” (MARTON, 2000, p. 224). Reafirmar que o conhecimento humano e, portanto que o homem é o ponto de partida para qualquer gênero de avaliação da existência, significa reafirmar que a perspectiva como também o próprio texto mundo estão para além de qualquer sentido preestabelecido, entretanto deixar claro este caráter incomensurável da existência não significa debandar frente às tentativas de compreendê-la.

Não obstante subsiste um texto, e a problemática da interpretação torna-se um problema de acomodação da perspectiva posta em prática. A existência de um texto é “o postulado lógico de toda interpretação, mas ninguém conhece esse texto original inferido” (SAFRANSKI, 2005, p. 146) ingenuamente como um dado cristalizado. Pela própria admissão do caráter mutável e verbal do cosmos, Nietzsche tomará como pressuposto a ideia de que a apreensão absoluta e ideal – a verdade – é uma ilusão. A capacidade de apreensão junto à representação enfrenta não só as limitações da condição humana, mas principalmente o fato de que os fragmentos de realidade selecionados pela percepção humana podem não mais existir na sua forma plena. Talvez os fenômenos sejam apreensíveis e representáveis apenas enquanto sombras e reflexos daquilo que realmente os são, ou foram, porém ainda assim, nunca se conheceria a fundo o seu ser real.

Desta forma o jovem Nietzsche admitira que seu pensamento também é “interpretação, não texto” (NIETZSCHE, 2008b, p. 45), e portanto está sujeito a toda fluidez e mutabilidade destrutiva do vir a ser cósmico. Ainda assim não deixará de admitir que existam boas e más interpretações, ou seja: aquelas que são munidas de grande força vital por se aproximarem qualitativamente do vir a ser cósmico, enquanto as outras tentam cristalizar uma apreensão/representação fenomênica ao estilo da tradição metafísica. Essa seria a postura do

espírito “limitado que vê as coisas separadas umas das outras e não no seu conjunto, não para o seu constitutivo; para este todos os contrários confluem em harmonia” (NIETZSCHE, 1995b, p. 49). A linguagem será tida assim como “a morada do Ser, mas não esqueçamos: essa morada fica na amplidão sem linguagem do Inaudito” (SAFRANSKI, 2005, p. 147), ou seja, no abismo de possibilidades interpretativas de um cosmos com caráter verbal.

### **3. Vontade de poder e instinto de conhecimento**

Mas afinal, onde se refletiriam as teses de juventude presentes na coletânea *Da retórica* no período de maturidade da produção nietzschiana? Talvez essa possibilidade subsista junto ao conceito basilar de *valor* que assegurara a devida conexão com um dos principais temas de seu pensamento: o mundo enquanto vontade de poder. O texto mundo será compreendido ao fim da obra nietzschiana como um fluxo de relações “assumidas a partir de uma multiplicidade de ‘centros’” (GRANIER, 2011, p. 64) que adotam determinadas e peculiares representações diante do cosmos. A representação, como já foi dito, é limitada por sua própria natureza perspectivista, enquanto o texto mundo é ilimitado na infinidade de possibilidades interpretativas; seja pelo caráter verbal de um ser fenomênico, ou mesmo por um hipotético plano de fundo inaudito de toda realidade. Ao fim a representação é o produto de uma interpretação, e portanto é obra de um intérprete, por isso encontra-se necessariamente condicionada pelas características originárias assumidas por cada centro relacional que compõe a pluralidade de forças do texto mundo.

A interpretação e a representação não nutrem teor algum de imparcialidade, entretanto são edificações de formas imagéticas condicionadas pelas forças da vida; o que significará no caso que são manifestações dos centros relacionais que compõem a vida no sentido nietzschiano: a vida como vontade de poder. Este movimento não pode ser compreendido enquanto livre arbítrio ou decisão que parte de uma simples subjetividade humana. Falar da vida como vontade de poder implica falar de um movimento de exposição gratuita do ser, livre de qualquer significação, livre de qualquer orientação que não seja a simples exposição do existir com vistas ao poder. Um desvelamento que se faz, que não objetiva menos que estabelecer, realizar, fazer-se visível, crescer, impor, intensificar, isto é, poder. A vida enquanto vontade de poder é a “fala do extraordinário, do milagre que o grego experimentou

como o elementar de ser-aparecer” (FOGEL, 2008, p. 11). E a existência é poder, especialmente porque é, em maior ou menor medida, realização em constante vir a ser; vida que se manifesta em um movimento constante de superação de si.

As noções de interpretação e representação não fogem à regra, “presente nos instintos ou afetos que habitam o homem, a vontade de poder imprime-lhes direções diversas” (MARTON, 2000, p. 221). A edificação do conhecimento define-se por sua força diante da existência, pois o interpretar é em si força, mas força sempre no âmbito de sua eficácia existencial: força que nutre, que se expande, que se manifesta, que faz aparecer e reaparecer, fortalecendo-se em medidas e se intensificando no processo de superação. Um movimento de potencialização que se traduz como imposição e dominação que envolve e, desta forma, interpreta e representa. Os centros de interpretação serão compreendidos assim como “figuras de dominação” (*Herrschaftsgebilde*). Interpretar e representar serão atividades típicas de um juízo, ou ainda, de um instinto de conhecimento que tende a impor sua perspectiva diante da existência; um instinto que reflete a força da vida no seu caráter basilar.

A representação imprime necessariamente os desejos, os interesses e os sentimentos do ser que interpreta o mundo, levando consigo as diretrizes estéticas dos valores do intérprete, mas é preciso compreender que o valor significará na sua essência utilidade, logo algo desejável para a manutenção e potencialização da vida. Apreender, representar e, portanto compreender é interpretar, o que significará no fim das contas valorar; em outros termos, representação e interpretação são organizações do mundo “segundo o perspectivismo dos valores pelos quais um ser exprime o seu engajamento existencial” (GRANIER, 2011, p. 66).

Os valores, em si, “computados psicologicamente, são resultados de determinadas perspectivas da utilidade para a sustentação e o incremento de configurações de domínio humanas” (NIETZSCHE, 2008a, p. 33). Não existirá, pois qualquer valor “fora do grau de poder – posto, justamente, que a vida é vontade de poder” (NIETZSCHE, 2008a, p. 54). Dessa maneira os valores implícitos nas atividades de interpretação e representação, em síntese do instinto de conhecimento, serão sempre reflexos da vida que valora na sua força de manifestação. O instinto de conhecimento é uma atividade cognitiva nada imparcial, não existindo assim interpretação ou representação que não carregue consigo os valores que lhes sejam próprios à conservação e fortalecimento. Mas tendo em vista sempre que o instinto de

conhecimento – apreensão, interpretação e representação – são manifestações da vida, e deste modo da vontade de poder.

Sendo assim os valores sempre dizem respeito a uma forma de existência, sempre espelham um tipo de juízo, fazendo referência à perspectiva de manutenção e crescimento da vida. Compreender a edificação do conhecimento humano como uma produção perspectivista, logo incapaz para se obter um dado real do cosmos – no sentido de cristalizado e imutável – já demonstraria a proximidade entre as duas fases da obra nietzschiana. Todavia a tese de juventude que afirmava ser a linguagem uma atividade essencialmente retórica parece se manifestar com maior clareza nas admissões de maturidade da coletânea de textos *A vontade de poder*.

Ao fim da sua vida lúcida Nietzsche compreendeu que o instinto de conhecimento, como uma síntese objetiva das atividades cognitivas é também uma das tantas manifestações das forças da vida; sem dúvidas a mais importante em quesitos humanos. Ele é a manifestação desta vida que luta pela dominação e envolvimento na busca pelo acréscimo de poder, configurando-se no âmbito humano como a luta persuasiva em prol de uma dada perspectiva. A tese de juventude que compreendia a linguagem enquanto *locus* retórico perspectivista parece se manifestar no período de maturidade na concepção do instinto de conhecimento que busca a dominação persuasiva, busca através da retórica que lhe é inseparável impor uma dada perspectiva que visa o acréscimo de poder.

### **Referências bibliográficas**

- CUNHA, Tito C. **Prefácio**. In: Da Retórica. São Paulo – SP: Ed. Veja, 1995, p. 5 – 23.
- FOGEL, Gilva. **Apresentação**. In: Vontade de poder. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Contraponto, 2008, p. 9-13.
- GRANIER, Jean. **Nietzsche**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre – RS: L&PM POCKET, 2011.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A filosofia na idade trágica dos gregos**. Tradução: Maria Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Ed. Elfos, 1995b.

- \_\_\_\_\_ **Da retórica.** Tradução: Tito Cardoso e Cunha. São Paulo – SP: Ed. Veja, 1995a.
- \_\_\_\_\_ **A gaia ciência.** Tradução de Jean Melville. São Paulo – SP: Ed. Martin Claret, 2007.
- \_\_\_\_\_ **A vontade de poder.** Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Contraponto, 2008a.
- \_\_\_\_\_ **Além do bem e do mal.** Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre – RS: Ed. L&PM POCKET, 2008b.
- \_\_\_\_\_ **Assim falou Zaratustra.** Tradução: Paulo César Lima de Souza. SP - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SAFRANSKI, Rudiger. **Nietzsche: Biografia de uma tragédia.** Tradução: Lya Luft. São Paulo – SP: Ed. Geração Editorial, 2005.